

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.12022017315-331>

“ADÃO E EVA NO PARAÍSO”: A FORÇA DOMINADORA DO SÍMBOLO NO DIZER DE UM CONTO DE EÇA DE QUEIRÓS

João Bartolomeu Rodrigues*

Elsa Maria Gabriel Morgado**

Luciana Cabral Pereira***

Levi Leonido Fernandes da Silva****

Resumo: “Adão e Eva no Paraíso” é um conto de Eça de Queirós. Nele trava-se um interessante diálogo entre duas visões epistemológicas em permanente confronto: por um lado a Bíblica, representante do criacionismo e, por outro, a perspectiva evolucionista. Eça trava, assim, um diálogo entre as duas perspectivas referidas, nunca excluindo uma em detrimento da outra, assumindo uma posição neutra. A tetractis pitagórica serve de estrutura formal ao conto. Esta pirâmide é preenchida e ornamentada com os recursos e a força dominadora que os símbolos lhe emprestam: por um lado, os números concorrem para compor as sequências temporais (da criação e da evolução) que compõem o enredo; por outro, a simbologia dos elementos vai fazendo subir, degrau a degrau, o estado de hominização de Adão, na complementaridade de Eva que bate as pedras da civilização, rumo à perfeição que se manifesta na atividade artística.

Palavras-chave: Discurso simbólico. Género textual. Conto “Adão e Eva”. Eça de Queirós.

INTRODUÇÃO

A presente investigação consiste na análise do conto “Adão e Eva no Paraíso”, de Eça de Queirós (1845-1900), nos planos mítico-religioso e simbólico (GONÇALVES; MONTEIRO, 2001). Estamos, assim, diante de um conto essencialmente descritivo, cuja mundividência da temática é judaico-cristã, onde as personagens retiradas do texto bíblico mantêm o mesmo carácter simbólico do Génesis.

Depois de uma leitura mais aprofundada facilmente constatamos que estão patentes duas perspectivas em permanente diálogo. Por um lado, a perspectiva bíblica, representante

* Doutor em Ciências da Educação. Professor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal. Gabinete de Filosofia da Educação da Universidade do Porto - Portugal. E-mail: jbarto@utad.pt.

** Doutora em Ciências da Educação. Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa - Braga, Portugal. E-mail: elsagmorgado@gmail.com.

*** Doutora em Didática das Línguas. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal. Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória (CITEM), Porto, Portugal. E-mail: cabral.luciana@hotmail.com.

**** Doutor em Ciências da Educação. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal. Diretor da Revista Europeia de Estudos Artísticos. Diretor do Doutoramento em Ciências da Educação da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes da Universidade Católica Portuguesa - Porto, Portugal. E-mail: levileon@utad.pt.

do criacionismo e, por outro, a perspectiva evolucionista. Tal como assevera Gonçalves e Monteiro (2001, p. 24) ao mencionar que “Eça trava um interessante diálogo entre estas duas perspectivas, nunca excluindo uma em detrimento da outra, assumindo uma posição neutra”.

Em qualquer pesquisa de carácter investigativo há sempre um problema que nos é colocado. Qual é a pergunta ou perguntas de partida a que posteriormente daremos resposta? Neste caso em concreto assumimos as seguintes três questões: 1. Como é que Eça de Queirós lida com a problemática que no seu tempo opunha a tese da criação à perspectiva evolucionista? 2. Qual o contributo da simbologia para uma leitura da ideologia do autor? 3. Em que medida a moral do conto nos revela o perfil ideológico de Eça de Queirós?

Em virtude da delimitação temática a que este tipo de investigação nos compele, propomo-nos abordar tão-somente as problemáticas da criação e da evolução, excluindo outras questões prementes no conto. Dentro das fronteiras estabelecidas, faremos emergir a mensagem que se esconde para além da mensagem que aparece ao nível mais superficial a força dominadora do símbolo, no dizer mensagem subliminar daremos particular atenção a dois aspectos: 1. Análise dos números que surgem referidos ao longo do conto; 2. Apreciação do uso que o autor faz dos quatro elementos (terra, ar, água e fogo) no preenchimento da matriz que preside à estrutura formal do conto –, a tetráctis pitagórica.

1 A CRIAÇÃO

Eça de Queirós dividiu o conto em três partes, que enumerou à romana, não dando títulos a cada uma. A fé ou convicção de Eça, na criação, aparece com toda a clareza, na primeira parte do conto, em dois momentos distintos: 1. A criação da Terra; 2. A Criação do Homem.

Na criação do mundo são referidos dois tempos: 1. O primordial; 2. O advento. No primeiro tempo, o primordial, refere que a “terra existia desde que a luz se fizera, a 23, na manhã de todas as manhãs” (QUEIRÓS, 1988, p. 343), a qual se caracterizava pelo facto de ser

parda e mole, ensopada em águas barrentas, abafada numa névoa densa, erguendo aqui e além, rígidos troncos de uma só folha e de um só rebento, muito solitária, muito silenciosa, com uma vida toda escondida, apenas surdamente revelada, pelo remexer de bichos obscuros, gelatinosos, sem cor e quase sem forma”. (QUEIRÓS, 1988, p. 343).

No segundo tempo, o advento, a terra prepara-se para receber o Homem. “Não! Agora, durante os dias genesíacos de 26 e 27, toda ela se completara, se abastecera e se enfeitara, para acolher condignamente o Predestinado que vinha” (QUEIRÓS, 1988, p. 343). Neste período, a Terra apresenta já um estado de evolução muito avançada. Eça sente necessidade de recorrer ao intertexto do Génesis, a fim de a caracterizar: “No dia 28 já apareceu perfeita, *perfecta* com as provisões e alfaias que a Bíblia enumera, as ervas verdes de espigas maduras, as árvores pródidas do fruto entre a flor, todos os peixes nadando nos mares” (QUEIRÓS, 1988, p. 343). No entanto, essa perfeição, que mais tarde se revelará imperfeita, ficará sujeita às futuras mutações:

A Terra ainda não era uma obra perfeita: e a divina energia, que a andava compondo, incessantemente a emendava, numa tão móbil inspiração que em sítio coberto ao alvorecer por uma floresta, à noite se espalhava uma lagoa onde a Lua, já doente, vinha estudar a sua palidez” (QUEIRÓS, 1988, pp. 357-358).

A criação do homem aparece igualmente desdobrada em dois tempos. O conto começa com a afirmação da crença na criação: “Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de Outubro, às duas horas da tarde” (QUEIRÓS, 1988, p. 343) O segundo tempo da criação do Homem, digamos, com mais propriedade, da recriação do Homem, acontece no mesmo dia 28, quando a oitava hora cintilou e fugiu, toda a Criação se emocionou perante a hominização de Adão:

Então, numa floresta (...), certo Ser, desprendendo lentamente a garra do galho da árvore onde se empoleirara toda essa manhã de longos séculos, escorregou pelo tronco comido de hera, pousou as duas patas no solo que o musgo abafava, sobre as duas patas se firmou com esforçada energia, e ficou erecto, e alargou os braços livres, e lançou um passo forte (...) (QUEIRÓS, 1988, p. 344).

Este momento de (re) criação do Homem caracteriza-se pela tomada de consciência de si, da natureza e de Deus Criador “e sentiu a sua dissemelhança da animalidade, e concebeu o deslumbrado pensamento de que *era*, e verdadeiramente *foi!* Deus que o amparara, nesse instante o criou” (QUEIRÓS, 1988, p. 344).

No entanto, este estado de hominização, apesar de Adão já se ter libertado do galho da árvore, ainda pertence ao estado selvagem, porque ainda não é autónomo, o seu estado ainda requer a mão protetora de Deus:

Nesses bruscos ímpetos, quantas vezes se desequilibrou, e as suas mãos se abateram desamparadamente, sobre o solo de mato ou rocha, de novo precipitado na postura bestial, retrogando à inconsciência, levanta os olhos de âmbar lustroso para os céus, onde, confusamente, sente alguém que o vem amparando – e que na realidade o levanta (QUEIRÓS, 1988, p. 346).

2 A VIA DOS NÚMEROS O DIA E A HORA DA CRIAÇÃO

O conto começa com a seguinte afirmação: “Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de Outubro, às duas horas da tarde” (QUEIRÓS, 1988, p. 343). Neste sentido, Chaboche refere que “vinte e oito é o número dos dias do mês lunar (médio). Mas é também o número de anos de um ciclo solar (após o qual os dias da semana se reproduzem nas mesmas datas)” (1979, p. 172).

Ao colocar o aparecimento do homem a 28 de Outubro, Eça atribui-lhe o papel de hermafrodita, pois 28 relaciona-se com a lua (mês lunar) e com o sol (ciclo solar). Isto significa que Adão é, em si mesmo, Homem e Mulher. A leitura de 28 (2+8=10). Este «10» representa o número do mês – Outubro.

O facto de considerar Adão como hermafrodita, significa que Adão é o homem perfeito e completo. Por outro lado, o «10» - que na simbólica da árvore da vida é Malkuth - exprime a ideia de mundo.

Ao ser criado a 28 de Outubro, Adão é o ser perfeito para o mundo. A ideia de perfeição concretiza-se neste dia. Eça refere-a com a repetição do mesmo adjetivo, em português e latim: “No dia 28 já apareceu perfeita, *perfecta*, com as provisões e alfaia que a *Bíblia* enumera” (QUEIRÓS, 1988, p. 342).

A criação do mundo e do homem são do signo Escorpião. O escorpião vê o afastamento do Sol e o adormecimento da natureza. É o Outono. Tempo da nostalgia e da melancolia. O Outono pela coloração da morte, pelo carácter intimista que proporciona, favorece o isolamento que agrada a Eça. A criação do homem será a criação de Eça, que assim se retracta?

Pitágoras dirige-se a Policarpo nestes termos:

A metade (dos meus alunos) estuda a admirável ciência das matemáticas. A eterna natureza é objecto dos trabalhos de um quarto (desses alunos). A sétima parte deles entrega-se à meditação e ao silêncio. Além disso, há três mulheres, das quais a mais notável é Teano. Esse é o número dos meus alunos que é também o das minhas musas (CHABOCHE, 1979, p. 172).

Consideremos, agora, o mês da criação, outubro.

Contém uma dupla possibilidade: a) pelo nome relaciona-se com os «8»; b) pela localização no ano com os «10». Relativamente à primeira possibilidade, este exprime a encarnação do espírito na matéria. Esta, a partir de agora, cria e automatiza-se. Exprime a transição de uma estrutura, de uma situação, ou de um ritmo para outro.

Número da prova, da iniciação e número da ressurreição. É o dualismo humano elevado ao cubo (2^3): o homem relacionando-se consigo, com a natureza, com o universo. Corpo, alma e espírito. Por isso, exprime o “homem perfeito em seu domínio das leis cósmicas” (PANETH, 1976, p. 38). Ou seja, situa o homem entre o céu e a terra, onde assume a função de mediador. Possui a lei natural e a lei divina. Por sua vez, a segunda possibilidade, indica a maior perfeição possível. Daí que o homem seja o ser mais perfeito da natureza. Liga-se na Cabala Judaica com a árvore sefirótica, que aparece na terceira parte do conto. O homem é a harmonia da criação. Local de convergência e local de domínio, sobretudo através do homem-anjo “porque ao lado de Adão velava uma figura séria e branca, de asas brancas fechadas, os cabelos presos num aro de estrelas, o peito guardado numa couraça de diamante, e as duas refulgentes mãos apoiadas ao punho de uma espada que era de lume – e vivia” (QUEIRÓS, 1988, p. 357). Colocada a vida do homem na terceira parte do conto, significa que Eça lidou com o *número de homem*, o terceiro¹. O «10» relaciona-se com a tetráctis pitagórica que significa a união dos 4 elementos. O «10» é o fogo, o elemento superior dentro desta estrutura. Exprime a “criação universal” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 262), a totalidade em movimento.

¹ O *número de homem* obedece à seguinte fórmula: n^2+1 . São número de homem os três primeiros: 2, 5, 10, se aplicarmos a n os valores de 1, 2, 3. Pode relacionar-se este facto com a hora da criação: 2 horas da tarde, ou 14 horas. A leitura de 14 é 5 ($1+4=5$).

O «10» corresponde ao cruzamento das horas ($14=5 \times 2=10$). O 2×5 indica a dualidade do ser humano: vitorioso, mas simultaneamente cheio de «temor» e «miséria». São, no entanto, o medo e a miséria que promoverão a humanização.

As 2 horas da tarde = 14 horas. Em “2 horas da tarde” surge o problema do «2» e do «14». O «2» é o reflexo do um e estabelece o homem como reflexo do Criador. Indica a dualidade, base do ser humano, embora salientando, por ser número par, o carácter feminino. Exprime a simetria em oposição e complementaridade fecunda. Indica o ritmo primeiro, binário e o movimento.

Na segunda parte, desenvolve as primeiras peripécias do homem no mundo: a primeira surpresa, os primeiros sustos. O homem contempla o desaparecimento do mundo anterior a ele servindo, quase à maneira do pensamento de Pascal, do ponto que liga os dois infinitos.

No final da segunda parte surge a mulher. Corporiza-se, deste modo, o masculino e o feminino. Dentro da maçonaria, o «2» exprime as duas colunas exteriores ao templo: a masculina – *Yakîn* (à direita) - e a feminina – *Boaz* (à esquerda)². Os nomes vêm do Antigo Testamento, do templo de Salomão (IRs³ 7,41; 2Cr⁴ 3,17). O homem e a mulher são os dois suportes da evolução e do progresso. A esse respeito, Mattéi (2000, p. 30) refere que “a escola pitagórica foi, para o mundo ocidental, o primeiro modelo de uma sociedade secreta e, pois, fechada em suas particularidades – a franco-maçonaria emprestará dela inúmeros símbolos essenciais”.

Por sua vez, o «14» exprime a prova, a dureza, o medo, a morte iniciática. Ao longo do texto o medo, a dureza predominam e condicionam a vida do homem em constante ato iniciático.

Pela leitura indica o número «5», o número do homem físico em que, pelo facto de ser impar, se manifesta a preponderância masculina.

OS DIAS DA CRIAÇÃO DO MUNDO E DO HOMEM

Na primeira parte do conto surge uma sequência numérica, a saber: 23, 24, 25, 26, 27, 28. Podemos questionar-nos: porquê estes dias? A leitura deles pode indicar-nos algo: $23 = 5$; $24 = 6$; $25 = 7$; $26 = 8$; $27 = 9$; $28 = 10 = 1$.

23 de Outubro – “A terra já existia desde que a luz se fizera, a 23, na manhã de todas as manhãs” (QUEIRÓS, 1988, p. 343). Ao situar a criação do mundo e da luz, em «23», Eça de Queirós atribui-lhe o significado de templo ao mundo, à terra. O «5» indica o templo, a união do homem com a mulher, a união do par com o impar. Por isso no final do conto surge a referência às três colunas internas da Loja Maçónica: força, beleza e sabedoria:

² *Yakîn* = «il stabilizara» et *Boaz* = «en lui la force» ou «dans la force». Esta nota é retirada da TOB (Traduction Oecoménique de la Bible), da nota v, correspondente a 2Cr 3,17.

³ I Livro dos Reis.

⁴ 2.º Livro das Crónicas.

Já não receio que a terra instável vos esmague; ou que as feras superiores vos devorem; ou que, apagada, à maneira de uma lâmpada imperfeita, a energia que vos trouxe da floresta, vos retrogradeis à vossa árvore. Sois já irremediavelmente humanos e cada manhã progredireis, com tão poderoso arremesso, para a perfeição do corpo e esplendor da razão (QUEIRÓS, 1988, p. 370).

Depois prolonga-se pelos dias 24, 25, 26 27 e 28. Eça segue a teoria bíblica dos seis dias.

24 de Outubro - Embora o dia 24 faça parte do «período de tempo» da criação, este dia não aparece referido explicitamente no texto, deixando clara a ideia de que Eça não está preocupado com a descrição pormenorizada, tal como acontece no texto do Génesis, mas tão simplesmente com a ideia que o número «6» (os dias da criação) encerra em si mesmo. O número «24» aparece implicitamente referido no texto, tendo presente a leitura de «24», isto é: $2 + 4 = 6$. O «6» é o número dos dias da criação e é um número imperfeito, por isso, o «24», não pode aparecer referido explicitamente, uma vez que não se reveste de dignidade para preparar a vinda daquele que há-de realizar a perfeição. Por outro lado, o «24» liga-se à fonte original, a todo o processo criador, à necessidade de ordem, à harmonia do céu e da terra. É o sentido esotérico da primeira palavra da *Bíblia: Bereshit bara* (No princípio). Igualmente “constitui a primeira palavra do Evangelho de S. João [εν αρχη ην ο λογος], uma das luzes da loja maçónica” (CHABOCHE, 1976, p. 134).

25 de Outubro - Por oposição ao dia 24, este já aparece, bem explícito, no texto. Caminhamos para a perfeição, ou seja, o «25», que tem por leitura o 7 ($2+5 = 7$), indica a complementaridade viva entre o Criador e a criação. É a música do Universo, a harmonia das esferas. Mas o «7» ainda avança mais. É o número da “relação viva entre Deus e o homem” (CHABOCHE, 1976, p. 135), a “síntese do conhecimento e do amor” (CHABOCHE, 1976, p. 137), o número do templo (e o templo vivo é o homem), o número da iniciação e do ciclo da vida.

Contudo, mais especificamente, o «7» simboliza a reintegração do espírito e da matéria, do tempo e da eternidade, numa unidade única e reconciliada, em que o espírito se alia à matéria (3+4) e o tempo se funde na eternidade (CHABOCHE, 1976, p. 143); o «7» é o número do templo. No conto, o «7» aparece ainda numa outra expressão e que Chaboche (1976, p. 348) questiona

Mas quem pode garantir estes bosques e estes bichos, pois que desde esse dia de 25 de Outubro, que inundava o Paraíso de esplendor outonal, já passaram, muito breves e muito cheios, sobre o grão de pó que é o nosso mundo, mais do que sete vezes setecentos mil anos?

Aqui, porém, em lugar de só referir o número «7», Eça de Queirós chama a atenção para mais dois: o 100 e o 1000. O mundo é o templo edificado por Deus à sua glória. Daí que Eça de Queirós reitere o exemplo do «7» elevando-o à classe das centenas de milhares. As centenas individualizam uma realidade numa realidade mais vasta. É a situação da terra em relação ao universo. Significa a perfeição da vida.

O 1000 relaciona-se com o cosmos, o universo, que na perspectiva de Chevalier e Gheerbrant,

Pode-se lembrar aqui a doutrina dos sete milenários, tal como ela se apresenta na epístola de Barnabé, em relação com a gnose judaico-cristã do Egípto. A semana cósmica era constituída por sete milenários. A divisão do mundo em sete milenários não pertence ao meio judeu tradicional, mas sim [na] tradição judaica helenizada (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1994, p. 452).

Assim, «sete vezes setecentos mil anos» refere-se ao homem, ao mundo e à terra. Por isso, o dia 25 tem uma «madrugada purificadora», Deus começa a preparar um mundo que seja habitável pelo homem e não só um mundo com vida, sobretudo monstruosa.

Por isso, $7 \times 7 = 49$. Este número significa a realização da viagem, um *términus*, mas igualmente, um ponto de partida. Esta referência ao número 7×700.000 introduz-nos no intertexto do *Evangelho* e lembra-nos, a noção de perfeição, onde Cristo diz a Pedro que tem que perdoar setenta vezes sete vezes. Perdão é uma manifestação de Amor, e por coincidência, o conto termina com a importância do amor.

26 e 27 de Outubro, sem descer a pormenores, refere que foi nestes dias que a criação se preparou. O «26» lê-se «8» e exprime o equilíbrio cósmico, a harmonia, a ordem universais: é a rosa-dos-ventos com os seus 4 pontos cardeais e os quatro pontos colaterais. Indica a Lei e a situação intermédia entre o quadrado e a esfera, entre a terra e o céu. É o número da justiça, daquilo que compete a cada ser do universo. Por isso Javé passou os dias 26 e 27 a completar o Universo: “Agora, durante os dias genesíacos de 26 e 27, toda ela se completara [com um objetivo bem concreto] (...) se abastecera e se enfitara, para acolher condignamente o Predestinado que vinha» (QUEIRÓS, 1988, p. 343.). É a concretização da palavra bíblica: «Deus viu que tudo era bom».

Traduz as articulações, a transição de uma estrutura a outra, a mudança rítmica que produz a harmonia.

O «26» corresponde ao 4º dia da criação, o dia em que o Criador determinou as luzes do firmamento. Igualmente corresponde à totalidade das ordens divinas na criação. Esta totalidade de ordens efetuou-se ao longo de seis dias (Gn⁵ 1, 3.6.9.11.14.20.24.26):

Deus disse: que a luz seja [...] (primeiro dia);

Deus disse: que exista um firmamento [...] (segundo dia);

Deus disse: que se reunam as águas existentes sob o céu [...];

Deus disse: que a terra se torne verde [...] (terceiro dia);

Deus disse: que haja luzes no firmamento [...] (quarto dia);

Deus disse: que as águas ferverem [...] (quinto dia);

Deus disse: que a terra produza seres vivos, segundo a sua espécie [...]

Deus disse: façamos o homem à nossa imagem e semelhança [...] (sexto dia).

A partir do 4º dia começou a formação do Universo humano e deixou de haver a formação das generalidades do Universo. Agora este começava a entrar na relação mais direta com o homem.

⁵ Livro dos Génesis.

No dia 27 extinguiram-se todos os monstros: “Na véspera do advento do homem, Jeová, muito caridosamente afogou todos os iguanodontes nos lodos de um pântano, a um canto escondido do Paraíso, onde hoje se estende a Flandres” (QUEIRÓS, 1988, pp. 361-362). O «27» concretiza-se na leitura «9». O «arrumar da casa» concretiza-se, diversifica-se, pormenoriza-se. As águas mexem-se, os seres vivos surgem conforme a sua variedade.

O «9» significa a totalidade do mundo criado. É o momento final da geração no ovo, cujo eclodir originará a nova realidade. Por isso se reveste de um carácter feminino, lunar. É a manifestação do amor, a germinação para baixo. O «9» marca o final da Criação divina; a partir daí compete ao homem criar.

3 A EVOLUÇÃO A VIA DOS ELEMENTOS

A terceira parte do conto, que recorre a uma maior velocidade diegética, encerra toda a evolução do homem: “E assim Adão e Eva, fugindo do fogo, fugindo da água, fugindo da terra, fugindo do ar, encetavam a vida no jardim das Delícias” (QUEIRÓS, 1988, p. 359). Como consequência de tudo o que ficou dito anteriormente, para Eça, a hominização parte de um triplo princípio: Proteção divina, consciência da miséria própria e sentimento de medo que obriga à sua remoção: Este triplo princípio é comum a toda a iniciação. Fernando Pessoa (1888-1935) retrata-o no poema «O Infante» da Mensagem: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” (PESSOA, 1997, p. 73).

A partir daqui os saltos evolutivos são os seguintes: 1. A arma; 2. A técnica; 3. O fogo; 4. A tentação da serpente; 5. O cozer (carne assada); 6. O coser; 7. A domesticação; 8. A agricultura; 9. A descendência; 10. A arte. Estes dez elementos recordam a tetráctis pitagórica⁶ que Eça, certamente conhecia, pois é um dos elementos de formação maçónica a que Eça pode ter tido ligação desde 1888 (ARNAUT, 1999). Com estes elementos forma-se a pirâmide pitagórica:

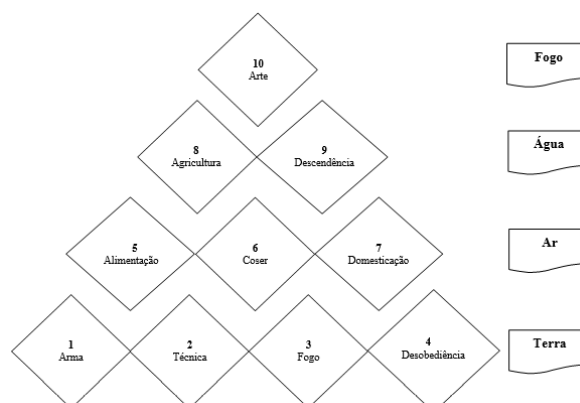


Figura 1. Tetráctis pitagórica

⁶ A tetráctis diz respeito à série dos quatro primeiros números, de cuja soma resulta o número dez: $1+2+3+4=10$

Consideremos os quatro elementos:

A Terra: a arma, a técnica, o fogo e a transgressão referem-se ao domínio da terra. A última dá a dimensão em crescendo de toda a série. Aquilo a que se convencionou chamar «desobediência», ou «queda», acabou por tornar o homem como ser, indivíduo, humano: pensa e distingue o que é bom e mau. A terra é o primeiro elemento que contacta com a humanização, é também o primeiro momento dessa humanização. Largados da árvore, “todas as tradições, as mais orgulhosas, concordam em que Adão, na sua entrada inicial pelas planícies do Éden, tremeu e gritou como criancinha perdida em arraial turbulento” (QUEIRÓS, 1988, p. 346). Começa a luta com a natureza.

Quando um galho alongado o roçasse, decerto nosso Pai atiraria contra ele as garras desesperadas para o repelir e lhe escapar. Nesses bruscos ímpetos quantas vezes se desequilibrou, e as suas mãos se abateram desamparadamente sobre o solo da mata ou rocha, de novo precipitado na postura bestial, retrogradando à inconsciência, entre o clamor triunfal da floresta! (QUEIRÓS, 1988, p. 346).

De seguida, o nosso pai ergue-se, toma a postura humana e começa a ganhar consciência. “E há já consciência, pressa da racionalidade, nos ressoantes passos com que se arranca ao seu limbo arboreal, despedaçando as enredanças, fendendo o bravio denso” (QUEIRÓS, 1988, p. 346). E Adão sai da floresta para o mundo e contempla-o através das “campinas do Eufrates” (QUEIRÓS, 1988, p. 347). A terra é a mãe, a origem de toda a vida. Nela reside o conflito entre a animalidade e o início da racionalidade, a oposição entre o hábito a abandonar e a sublimação, a elevação.

O Ar: até ao «5», o homem reside no estado semiconsciente; agora começa uma nova etapa em direção ao «10», à arte, como manifestação suprema. A costura, a culinária e a domesticação dos animais são as formas mais elementares, da noção de arte, que tende a tornar-se a grande manifestação de arte. Os três elementos seguintes (alimentação, coser e domesticação) referem-se ao ar, como «a justificação» no mundo do homem consciente de si mesmo, “é uma conquista de um ser outrora pesado e confuso que, pelo movimento imaginário e escutando as lições da imaginação aérea, se tornou leve, claro e vibrante” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 78). O ar é o segundo elemento a manifestar-se ao homem. Manifesta-se por “um grande pássaro” (QUEIRÓS, 1988, p. 348) que passa diante do homem que contempla a natureza, “um pássaro cinzento, calvo e pensativo” (QUEIRÓS, 1988, p. 348). Relaciona-se com o esforço de compreensão: “O nosso Pai venerável, com a fusca face franzida, no doloroso esforço de compreender, pasmava para aquele pássaro, que ao lado, sob o abrigo de azáleas em flor, terminava muito gravemente a construção de uma cabana” (QUEIRÓS, 1988, p. 348). Termina, no entanto, pesarosamente: “Mas o Pai dos homens, nessa tarde, ainda não compreendeu” (QUEIRÓS, 1988, p. 348). Vê, no entanto, como se constrói uma cabana. O ar e o fogo são elementos ativos enquanto a terra e a água são passivos. Por isso, quando o homem começa a atividade abandona a terra e contempla o pássaro, símbolo do subtil; daí que o homem ainda não compreenda. Mas constitui a base para a liberdade a usufruir; a condição para a imaginação, a partir do pesado da terra e da confusão inicial. Por isso, o pássaro roça o nosso Pai quando este se encontra perante a totalidade da natureza, totalidade que ele admira sem compreender, nem destrinçar.

A Água: os dois elementos seguintes: a agricultura e a descendência ligam-se com a água – elemento essencial para a criação das plantas e do homem (feto). Com a água a humanização dá um grande salto em frente. Relaciona-se com o apetite: “Adão vai arfando entre o apetite daquela resplandecente Natureza e o terror dos seres nunca avistados” (QUEIRÓS, 1988, p. 348). Com a água relaciona-se, também, a energia: “Mas dentro dela borbulha, não cessa, a nascente sublime, a sublime nascente de Energia” (QUEIRÓS, 1988, p. 348). É a energia que desenvolverá as potencialidades humanas, como afirma Queirós (1988, pp. 348-349), ao referir-se aos “dons que estabelecerão a sua supremacia sobre essa natureza incompreendida e o libertarão do seu terror”. É com a água que chega a linguagem: “Adão solta roucas exclamações, gritos com que desafoga, vozes gaguejadas, em que por instinto reproduz outras vozes” (QUEIRÓS, 1988, p. 349), inicialmente imitações, prosopopeias, e, por fim, já palavras. A água é mãe e matriz. A palavra que se pronuncia primeiramente, «mãe», foi substituída no conto pela água: «Lhlâ! Lhlâ» (QUEIRÓS, 1988, p. 349). É a fecundação da alma do pensamento, a grande revelação, ainda informe, mas já saborosa, sensual.

O Fogo surge no final do primeiro dia de Paraíso de Adão. Inicialmente é uma manifestação divina. Adão dorme e todos os animais se colocam diante dele, prontos a devorá-lo.

Só que (...) nada conseguem, porque ao lado de Adão velava uma figura séria e branca, de asas brancas, fechadas, os cabelos presos num aro de estrelas, o peito guardado numa couraça de diamante, e as duas refulgentes mãos apoiadas ao punho de uma espada que era de lume (QUEIRÓS, 1988, p. 357).

O fogo impõe a supremacia do homem sobre os outros elementos da natureza. Só mais tarde o homem entrará em contacto com a presença, a fabricação do fogo.

Por fim, a arte funciona como o grande fogo que tudo transforma, daí que – logo no início do segundo dia – a ocupar o centro matemático do conto – surja Eva tirada do Homem, durante o sono. Razão e bondade (Eva, a mulher, a água) – é a união dos contrários que permite a reprodução, que se complementa o ser humano total.

A conclusão é que o homem é a manifestação do homem-anjo – o homem superior, o homem que se afirma pensamento. Pode revestir-se de dois aspectos: ou o fogo da iluminação e da razão, ou o fogo da paixão.

Chegados a este ponto, o homem imortaliza-se e manifesta o estado perfeito. Nesse caso, o Homem é o templo acabado e com vida interior. Daí que depois desta descoberta da hominização, Eça foque o nome das três colunas interiores do templo maçónico: Força, Beleza, Inteligência/sabedoria.

Falta, no entanto, referir a seiva que alimenta e percorre a árvore da vida, da iniciação. Essa seiva é o amor. E Eça termina o conto com a apologia do amor.

4 A TETRÁCTIS PITAGÓRICA, UMA MATRIZ À MEDIDA DA DIMENSÃO DE EÇA

O «destino» de Eva (com Adão) está doravante traçado: “por ela, Deus continua a criação superior, a do reino espiritual, a que se desenrola sobre a Terra o lar, a família, a tribo, a cidade. É Eva que cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da humanidade” (QUEIRÓS, 1988, p. 366).

Retomemos a matriz pitagórica, acima referida, preenchida com os elementos extraídos do conto, a fim de verificarmos o percurso evolutivo que o Homem teve de calcorrear, desde que iniciou esta aventura da hominização, até à meta da perfeição:

1- A arma: Os primeiros quatro elementos (arma, técnica, fogo e desobediência) referem-se, como vimos, ao domínio da terra. Depois da tomada de consciência de si, dos perigos que o espreitam, privado da proteção divina, o medo apodera-se do homem. É numa situação de ameaça que o Homem, como que num instinto de defesa, faz pela primeira vez uso da sua energia inteligente. Perante a ameaça inesperada das patas negras e da goela sangrenta do pai dos Ursos “na apertada ânsia de defender a sua fêmea, o Pai dos Homens arremessou contra o Pai dos Ursos o cajado a que se arrimava, um forte galho de teca, arrancado na mata, que findava em lasca aguda (...). E o pau atravessou o coração da fera” (QUEIRÓS, 1988, p. 363).

2 - A técnica: Depois da primeira façanha, ainda quase instintiva, e da respetiva tomada de consciência do significado do ato, Adão e Eva mergulham na floresta e transformam-na em oficina donde extraem ramos destramente quebrados em lasca:

Ah!, que soberbo estalar de hastes, pelo fundo bosque, através da frescura e da sombra, para a obra primeira da redenção! Selva amável que foste a primeira oficina... Quando da mata largaram, fumegando de suor, para recolher à toca distante, nossos Pais veneráveis vergavam sob o peso glorioso de dois grossos molhos de armas” (QUEIRÓS, 1988, p. 363). Ao fabrico da lança segue-se o do martelo: “apanha um pedregulho, bate a rocha, arranca a lasca... E eis o martelo! (QUEIRÓS, 1988, p. 364).

3 - O fogo é, sob o ponto de vista simbólico, de uma riqueza incomparável. O culto do fogo perde-se na pré-história e é comum a todas as civilizações, religiões, filosofias e teologias. Se em Israel o fogo tem apenas um valor de sinal, que é preciso ultrapassar para encontrar Deus, para os gregos, mais concretamente para Heraclito é Αἰθήρ (aither), substância ígnea e brilhante considerada por Heraclito como centro motor dos processos cosmológicos. Kirk e Raven (1982, p. 201) salientam que “esta ordem do mundo (a mesma de todas), não a criou nenhum dos deuses, nem dos homens, mas sempre foi, é e será: um fogo sempre vivo, que se acende com medida e com medida se extingue”. O fogo não foi, por um lado, oferta de Deus, nem por outro criação do Homem, no entanto, ele foi roubado (arrancado) à natureza, não tendo sido dispensada a colaboração dos Veneráveis Pais: “logo malha rijamente sobre a paderneira (...). E, oh, espanto! uma fagulha salta, refulge, morre” (QUEIRÓS, 1988, p. 365). Se a primeira fagulha é fruto do acaso, as que irão originar a ignição intencional do feno constituem mais um passo decisivo rumo à aventura da hominização:

E de novo o fumo rola, e de novo a chama refulge. Oh, triunfo! Eis a fogueira, a fogueira inicial do Paraíso, e não casualmente rebentada, mas acendida por uma clara vontade que, agora, para todo o sempre, cada noite e cada manhã, poderá repetir com segurança a façanha suprema! (QUEIRÓS, 1988, p. 365)

O fogo é mais um instrumento colocado ao serviço do homem: “Agora já Adão sabe que o seu fogo espanta todas as feras (mesmo o medonho espeleu que nada espanta) e que no Paraíso existe enfim um buraco seguro, mas amável – porque o lume o alumia, o aquece, o purifica” (QUEIRÓS, 1988, p. 366).

4 – Desobediência / transgressão: Eça recorre mais uma vez ao intertexto bíblico de Gn 3, interpretando-o numa linha bastante pessoal, aproximando-se, neste aspeto, das teses seguidas pelos exegetas contemporâneos de maior expoente. Eça afasta-se completamente da ideia de queda, tese muito vulgar na teologia tradicional, ainda hoje defendida como «doutrina oficial» dentro das várias confissões religiosas. Aquilo a que se convencionou chamar «desobediência», ou «queda», acabou por tornar o homem como ser, indivíduo, humano: pensa e distingue o que é bom e mau. A alegoria da transgressão significa para Eça o passo decisivo que projeta o Homem rumo à perfeição. Perfeição essa que há-de atingir o seu clímax na arte, manifestação suprema do desenvolvimento humano. Eva, a nossa Mãe, é colocada numa situação de superioridade em relação a Adão. Ela é sujeito capaz de aspirar à divinização, ao contrário de Adão, incrédulo “em frutos que comunicam a divindade e a sapiência, ele que tanta fruta comera nas árvores e se conservava inconsciente e bestial como o urso e o auroque” (QUEIRÓS, 1988, p. 366). Mas os méritos de Eva em favor da causa humanitária vão mais longe, na medida em que persuade Adão a partilhar do transcendente pomo. É igualmente por Eva que “Deus continua a criação superior, a do reino espiritual, a que desenrola sobre a Terra o lar, a família, a tribo, a cidade. É Eva que cimenta e bate as grandes pedras angulares na construção da humanidade” (QUEIRÓS, 1988, p. 366). É assim que Adão e Eva passam do patamar da terra para o do ar.

5 – Alimentação / cozer: com a descoberta do fogo e seu uso, uma nova conquista se adivinha no escalão da humanidade:

Donde vem ele, o gostoso aroma? Do fogo onde a posta de veado ou de lebre grelha e rechina. Então Eva inspirada e grave, empurra a carne para a brasa viva; e espera ajoelhada, até que a espete com uma ponta de osso, e a retira da chama ruidosa, e a trinca, em sombrio silêncio (Queirós, 1988, p. 367).

Da mesma forma que as anteriores conquistas, a cozinha também tem os seus tempos, os seus silêncios, os seus momentos de triunfo:

e, com a pressa amorosa com que ofereceu a maçã a Adão, lhe apresenta agora aquela carne tão nova, que ele cheira desconfiado, e depois devora a rijas dentadas, roncando de gozo! E eis que, por este pedaço de gamo assado, nossos pais sobem vitoriosamente outro escalão da humanidade! (QUEIRÓS, 1988, p. 367).

6 – Coser / Vestuário apresenta-se-nos em primeiro lugar como um símbolo da actividade espiritual do ser humano, como a manifestação visível do homem interior; “confere a individualidade, a distinção ao homem, enquanto indivíduo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 688).

Mas Eva recolhe logo à caverna, para se entregar, sem descanso, a uma tarefa que a encanta. Encruzada no chão, toda atenta sob a coma crespa, nossa mãe fura, com um ossinho agudo, buracos finos na orla de uma pela, e tão embebida que nem sente Adão entrar e remexer nas suas armas, une as duas peles sobrepostas, passando através dos buracos uma delgada fibra de algas que secam diante do lume (Queirós, 1988, p. 367).

Neste sentido, a situação atual revela um afastamento do “tempo” da protecção divina, em que era o “próprio Deus, ou o Seu mensageiro que providenciava o vestuário para o ser humano, ou qualquer outro tipo de protecção” (QUEIRÓS, 1988, p. 362). No mesmo sentido, assistimos ao despojamento do *velho homem* e o consequente revestir do *homem novo*, de que fala S. Paulo. Nesta situação concreta o homem velho significa o estado incivilizado, por oposição ao homem novo, onde o vestuário se revela como símbolo do próprio ser humano, já civilizado. Se quisermos recuperar a simbólica paulina (2Cor⁷ 5,3) do vestuário, diremos que a evolução plena do homem há-de acontecer, quando ele se, (re) vestir já não das peles grosseiras dos animais, nem da seda da china, mas da veste branca do baptismo, tal como os mártires do Apocalipse, por ocasião da abertura do sexto selo (6, 11) e os eleitos de Deus na visão de João (7, 9), os que vieram da grande tribulação e lavaram os seu vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro (7, 13s), símbolo da maturidade do cristão. O Vestuário aparece-nos como um elemento essencial à natureza do ser que o usa. É algo próprio do homem, os animais não fazem uso do vestuário, ele “é um dos primeiros indícios duma consciência da nudez, duma consciência de si, da consciência moral. É também o elemento revelador de alguns aspectos da personalidade do indivíduo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1994, p. 690).

7 - A domesticação, na nossa perspetiva, deve ser entendida como uma simbiose de relações simbólicas entre o homem e os animais. Assim, a lenda sobre Pitágoras atribui-lhe uma ascendência sobre os animais:

faz surgir as serpentes e domestica as águias; amansa uma ursa terrível, que nos arredores de Daunia, aterrorizava a população, convencendo-a a não mais tocar nos seres vivos e a contentar-se com a fruta e o mel silvestre; a anedota fabulosa anuncia a conversão do lobo de Gubio por S. Francisco, no livro XXI dos *Fioretti*. Persuade um boi a não pastar as favas e, como recompensa fá-lo escapar ao matadouro confiando-o ao templo de Hera em Tarento” (MATTÉI, 2000, pp. 18-19).

Neste espectro de relações simbólicas entre o homem e os animais, Eça deixa transparecer, por um lado, a influência, ou simpatia pelo pensamento de Francisco de Assis, onde Eva incarna os sentimentos de compaixão para com os animais; por outro lado, e em oposição à caridade de Eva, Eça responsabiliza Adão pelo pecado contra a natureza, manifestada nos seus sentimentos ainda selvagens, embora já humanos e, por isso, imorais:

⁷ 2.^a Carta aos Coríntios.

Outros gestos e modos de Eva o irritam também: e por vezes, com uma desumanidade que é já toda humana (...) um furor o tomou, uma tarde, avistando, no regaço de Eva, sentada diante da fogueira, um cachorrinho mole e trôpego, que ela, com carinho e paciência, ensinava a sugar numa febra de carne fresca. À beira da fonte descobrira o cachorrinho perdido e ganindo; e muito mansamente o recolhera, o aquecera, o alimentara, com uma sensação que lhe era doce, e lhe abria na espessa boca, ainda mal sabedora de sorrir, um sorriso de maternidade. Nosso Pai venerável, com as pupilas a reluzir, atira a garra, quer devorar o cachorro que entrara na sua toca. Mas Eva defende o animal pequenino, que treme, que a lambe. O primeiro sentimento de caridade, informe como a primeira flor que brotou dos limos, aparece na terra! E, com as curtas e roucas vozes que eram o falar de nossos Pais, Eva tenta talvez afiançar que será útil, na caverna do homem, a amizade de um bicho” (QUEIRÓS, 1988, p. 368).

E é assim, tal como Eva, que Adão se abre à espiritualidade, manifestando a abertura à relação com a natureza, na figura de um manso cachorro: “Adão puxa o beicho trombudo. Depois, em silêncio, mansamente, corre os dedos pelo lombo macio do cachorrinho encolhido” (QUEIRÓS, 1988, p. 368). É Eva quem dá continuidade ao processo de domesticação, de tal forma que poderíamos afirmar que Eva está para a domesticação, assim como Adão está para a caça. O símbolo caçador que habita Adão irá ceder espaço à figura de Caim, seu filho, que há-de aprender com Eva, sua mãe, a arte de domar e converter-se-á paulatinamente em pastor: “este é, na história, um momento espantoso! Eis que o homem domestica o animal! Desse cachorro agasalhado no Paraíso nascerá o cão amigo, por ele a aliança com o cavalo, depois o domínio sobre a ovelha. O rebanho crescerá; o pastor o levará; o cão fiel o guardará. Eva da beira do lume, prepara os povos errantes que pastoreiam os gados” (QUEIRÓS, 1988, p. 368). Ainda na mesma simbiose de relações entre o homem e o animal, o Adão queirosiano, tal como o bíblico penetra cada animal para lhe dar um nome; os animais estão ali, criados por Deus, mas não são reais enquanto o homem não os nomeia (Gn 2, 19-20). Embora posterior à criação, a imposição do nome é um “acto da actividade ordenadora com a qual o homem se apodera espiritualmente, das criaturas, objectivando-as diante de si” (RAD, 1978, p. 102). “A Bíblia, com a sua exageração oriental, cândida e simplista, conta que Adão, logo na sua entrada pelo Éden, distribuiu nomes a todos os animais” (QUEIRÓS, 1988, p. 349).

8 - Agricultura, e a descendência entramos no terceiro patamar da pirâmide, que se liga à água. A água é um elemento essencial, quer à agricultura, quer à reprodução do homem (feto). A agricultura, como conceito originário, encontra o seu suporte no cultivo e não na atividade pastoril, como acontecia no estádio anterior (domesticação); embora não exclua totalmente esta última, não lhe está subordinada: *ager* é o terreno cultivável por excelência ⁸.

9 - Descendência: a sobrevivência no estado de «natureza», quer do homem, quer de qualquer outro animal deve satisfazer três condições fundamentais: proteção ou defesa, nutrição e a de reprodução. Já vimos as duas primeiras, fundamentais para a sobrevivência do indivíduo. Para a sobrevivência da espécie é essencial que se verifique a terceira condição, ou seja, que aconteça a reprodução. Sem descer a pormenores, Eça invoca, apenas, três vezes o nome de Abel, referindo numa delas o nascimento: “No entanto, bem podemos supor que Abel nasceu” (QUEIRÓS, 1988, p. 369). A figura de Abel, tal como

⁸ Cfr. *Cultivo* In ENCICLOPÉDIA *Einaudi* (16). Imprensa Nacional, Casa da moeda, p. 81.

na Bíblia, colocada pelo contador na primeira geração, reveste-se de um significado protótipo e insinua, apenas, um dos aspectos negativos da condição humana de todos os tempos (querelas fraticidas), mesmo sem referir o nome de Caim. Poderíamos perguntar: Por que não aparece aqui a personagem de Caim? A questão é pertinente e a resposta não se torna difícil, se tivermos presente que, de acordo com a ideologia de Eça, o desenvolvimento, a evolução do Homem, culmina no amor. Não poderia, por isso, um símbolo fraticida figurar e manchar com o sangue de seu irmão a peregrinação rumo à casa da perfeição. Eça revela-se neste conto como alguém otimista, alguém que acredita no Homem e nele coloca a sua esperança, como ser capaz de realizar a sua vocação.

10- A arte: com a arte chegamos ao cume da pirâmide. A arte funciona como o grande fogo, que tudo transforma. O ardor devorador do fogo é o «Amor» que dará ao homem acesso ao seu coração. Já Isaías é queimado pelo carvão ardente (Is⁹ 6, 7), Jeremias sente a Palavra de Deus queimá-lo interiormente (Jer¹⁰ 20, 9), os jovens louvam a Deus na fornalha ardente (Dn¹¹ 3, 24ss), e, enfim, Jesus quer ser batizado pelo fogo (Lc¹² 12, 50) (CARVALHO, 1993, p. 55). Tornar-se homem significa apropriar-se do fogo. Chegados a este ponto, Adão imortaliza-se, manifestando, pela arte, o seu estado de perfeição. A noção de arte primitiva, que surge no século XIX pertence à ideologia eurocentrista. As produções artísticas que ela designa foram inicialmente recolhidas em virtude do seu pitoresco por uma Europa sedenta de um exotismo. Tal interesse deriva não só do seu conteúdo emocional, mas sobretudo do “anonimato dos artistas, da subordinação rigorosa da arte à religião e, sobretudo, da expressão espontânea da consciência colectiva: estética, por um lado, e reflexão sobre a natureza, por outro” (AKOUN, 1983, p. 58). Eça elege a arte como símbolo de realização humana, onde o ócio encontra o seu enquadramento e justificação etiológica: “E Adão (oh, estranha tarefa!), muito absorto, tenta gravar, com uma ponta de pedra, sobre um osso largo, os galhos, o dorso, as pernas estiradas de um veado a correr!” (QUEIRÓS, 1988, p. 369).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No plano das considerações finais e perspectivas futuras, tal como refere Cabral e Moraes (2015, p. 293) e dada a necessidade e oportunidade de se continuar e estender estudos do género “faz-se necessário apontar o caminho a seguir para futuras pesquisas sob a luz crítica da comunicação e suas sinuosidades discursivas”, assumindo o discurso “como qualquer atividade produtora de sentido entre os interlocutores no processo da enunciação, e é regulado por uma exterioridade linguística que é o contexto histórico-social e a ideologia” (JARDIM; SOUZA, 2015, p. 139).

No plano histórico, com o aparecimento das luzes (século XVIII), gera-se claramente um fosso epistemológico entre a ciência nascente e os ensinamentos teológicos, fechados numa interpretação literal da Bíblia. Tal divórcio resultou em consequências tão nefastas,

⁹ Isaías.

¹⁰ Jeremias.

¹¹ Livro de Daniel.

¹² Evangelho segundo São Lucas.

quer para a Igreja, quer para o avanço da ciência. As pesquisas sobre a origem do homem contaram com o travão das implicações religiosas, pois julgava-se, erradamente, que teorias como o evolucionismo se opunham aos ensinamentos da religião cristã e, constituíam uma grave ameaça ao esquema da criação apresentado pela *Bíblia*. Era inaceitável o diálogo entre os conceitos de evolução contínua com passagem do animal ao homem e criação divina. Aquilo que para nós, hoje, parece evidente, era nos princípios do século XVIII muito complicado, pois toda a gente era fixista. Só nos finais do século XVIII e no início do século XIX, Lamarck (1744-1829) elaborou a primeira teoria evolucionista, o transformismo¹³. Mesmo assim, foi “necessário esperar quase meio século pela publicação das obras de Darwin, para se colocar devidamente o problema da origem animal do homem” (AKOUN, 1983, p. 276). A opinião pública mostrava-se descrente perante tais ideias. A prová-lo estão as caricaturas dos jornais da época. Em Portugal, afinava-se pelo diapasão da Europa.

No presente conto temos o testemunho de alguém dos círculos da cultura portuguesa que soube lidar com a temática do evolucionismo/criacionismo de uma forma superior à polémica então instalada. O conto serviu de veículo literário ao autor, através do qual, partindo de uma exegese do texto do Génesis, bastante avançada para o tempo, estabeleceu o diálogo entre as duas perspetivas, superando, assim, a falsa dicotomia que teimava em reinar.

O símbolo, particularmente a simbólica dos números e dos elementos revelam-nos a ideologia do autor: a crença na criação não constitui impedimento, mas condição *sine qua non* para afirmar e sustentar a crença no evolucionismo. Não queremos tirar conclusões precipitadas, sem outras fontes que o confirmem, mas o profundo conhecimento que Eça de Queirós revela ter de uma sociedade secreta, particularmente da *tetráctis pitagórica*, que serviu de matriz à estrutura do conto, afigura-se-nos como sintoma demasiado claro, roçando as franjas da evidência, para silenciarmos, pelo menos a hipótese, de que Eça de Queirós tenha pertencido a qualquer organização esotérica.

REFERÊNCIAS

- AKOUN, André. «Arte» em Dicionário de antropologia. Viseu, 1983.
- ARNAUT, António. Entre o espaço e o compasso. Lisboa: Universidade Editora, 1999.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- CABRAL, Muniz Sodré de Araújo; MORAES, Ricardo. O drama midiático como discurso da verdade: sedução e afeto para o consumo da informação simbólica. *Crítica Cultural - Critic*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 283-295, jul./dez. 2015. (ISSN 1980-6493).
DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v10e22015p.%20283-295>
- CARVALHO, Maria Manuela. A Centralidade Cristológica do Eschaton nos escritos de Hans Urs von Balthasar. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade Católica Portuguesa e Fundação Eng. António de Almeida, 1992.
- CHABOCHE, François Xavier. Vida e Mistério dos números. São Paulo: Hermus, 1979.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa, Editorial Teorema, 1994.
- ENCICLOPÉDIA Einaudi (16) Imprensa Nacional Casa da moeda.
- GONÇALVES, Henriqueta Maria Almeida; MONTEIRO, Maria da Assunção Morais. Introdução à leitura de Contos de Eça de Queirós. 2.^a ed. ver. Coimbra: Almedina, 2001.

¹³ Teoria assente no mecanismo da transformação dos seres vivos: a organização progressivamente complexa dos seres vivos e a sua capacidade de reação às mudanças ambientais.

JARDIM, Alex Fabiano Correia; SOUZA, Jacqueline Ribeiro de. Discurso e relações de poder em Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar. *Crítica Cultural – Critic*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 133-150, jan./jun. 2015. (ISSN 1980-6493). DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v10e12015133-150>

KIRK Geoffrey Stephen; RAVEN, John Earle. *Os pré-socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

MATTÉI, Jean-François. *Pitágoras e os pitagóricos*. São Paulo: Paulus, 2000.

PANETH, Ludwig. *La Symbolique des Nombres dans l'inconscient*. Paris: PBP, 1976.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 19.^a ed. Lisboa: Edições Ática, 1997.

QUEIRÓS, Eça de. «Adão e Eva no Paraíso». In: *Obras Completas de Eça de Queiroz*. Braga: Resomnia Editores, 1988.

RAD, G. Von. *Genesi*. Paideia: Bréscia, 1978.

TRADUTION OECOMENIQUE DE LA BIBLE. Paris : Les Editions du CERF/Les Bergers et les Mages, 1975.

Recebido em 08/12/2016. Aprovado em 06/06/2017

Title: “Adam and Eve in Paradise”: the dominating power of the symbol according to a short story by Eça de Queiroz

Abstract: “Adam and Eve in Paradise” is a short story by Eça de Queirós. It presents an interesting dialogue between two epistemological views in permanent conflict: on one hand the Bible, representative of creationism and on the other, the evolutionary perspective. Thus, Eça faces a dialogue between those two perspectives, never excluding one over the other, assuming a neutral position. The pythagorean tetractis serves as a formal structure to the short story. This pyramid is completed and ornamented with the resources and dominating force that the symbols lend to it: on one hand, the figures compete to compose the temporal sequences (of creation and evolution) that make up the plot; on the other, the symbolism of the elements will lead, step by step, to the humanization state of Adam, within the complementarity of Eve who hits the stones of civilization, toward perfection revealed in artistic activity.

Keywords: Symbolic discourse. Textual Genre. Short Story “Adam and Eve”. Eça de Queirós.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.